

## CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS EM TORNO DA AMBIVALÊNCIA MATERNA <sup>1</sup>

**Paula Campos<sup>2</sup>**

*PsiRelacional, Lisboa, Portugal*

A ambivalência refere-se a um processo de integração dos aspectos contraditórios da vida mental, como o amor e o ódio e à capacidade de os viver em relação a uma mesma pessoa.

Descreve-se o processo de aquisição da ambivalência (numa óptica Winnicottiana), da sua maturação e dos problemas relacionados com a não aquisição ou a insipiente maturação da ambivalência no indivíduo. Estabelece-se uma relação entre os binómios amor-ódio e reconhecimento-preservação do Self. Estabelece-se uma relação entre o contexto cultural e os seus modelos perfeccionistas associados à maternidade e um processo defensivo de negação da ambivalência.

**Palavras-Chave:** amor, ódio, ambivalência, ambivalência materna, reconhecimento, destruição, culpa, preocupação.

Ambivalence refers to a process of integrating the contradictory aspects of mental life, such as love and hate and the ability to live them in relation to the same person. The process of acquiring ambivalence (in a Winnicottian perspective), its maturation and the problems related to the non-acquisition or the insipient maturation of ambivalence in the individual is described. A relationship is established between the love-hate and recognition-preservation binomials of the Self. It establishes a relation between the cultural context and its perfectionist models associated with motherhood and a defensive process of denial of ambivalence.

**Key Words:** love, hate, ambivalence, maternal ambivalence, recognition, destruction, guilt, concern.

**English Title:** PSYCHOANALYTIC CONSIDERATIONS REGARDING MATERNAL AMBIVALENCE.

**Cita bibliográfica / Reference citation:**

Campos, P. (2019). Considerações psicanalíticas em torno da ambivalência materna. *Clínica e Investigación Relacional*, 13 (1): lxxxvi-xcvi. [ISSN 1988-2939] [Recuperado de [www.ceir.info](http://www.ceir.info)] DOI: 10.21110/19882939.2018.130106 (V. castellana)

<sup>1</sup> Conferência apresentada nas II Jornadas de Psicanálise Relacional. Fac. de Psicologia, Lisboa, 18 Maio de 2018.

<sup>2</sup> Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta Psicanalítica. Membro fundador e da Assembleia Geral da PsiRelacional. Membro da IARPP. Email: [paulacampos99@hotmail.com](mailto:paulacampos99@hotmail.com)

O interesse pela questão da ambivalência materna surge motivado pela minha própria experiência materna e pela constatação de que todas as mulheres que conheço, dentro e fora do meu consultório, vivem consideráveis dificuldades em lidar com a sua ambivalência enquanto mães.

Outra questão, esta que além de me interessar, intriga-me, diz respeito ao facto de que frequentemente, especialmente quando se trata de um primeiro filho, há uma enorme distância entre a experiência vivida na maternidade, intrinsecamente ambivalente, e o ambiente vivido culturalmente no que se relaciona à maternidade, intrinsecamente não ambivalente, não conflitual. Parece haver uma espécie de tabú na nossa cultura, relacionado com os sentimentos contraditórios que a experiência da maternidade provoca. Porquê? Será que esta espécie de tabu vivido socialmente é uma expressão das dificuldades psíquicas em lidar com a ambivalência?

Acho que não é controverso dizer que todas as mães amam e odeiam os seus filhos e que todas as mães experienciam em algum grau, ansiedade e culpa em resposta ao ódio vivenciado. Se odiamos os nossos pais, irmãos, maridos, amigos, outras raças, religiões ou nacionalidades, consideramo-nos ou somos considerados pouco razoáveis, com dificuldades interpessoais ou mesmo perturbados. Se sentimos ódio pelos nossos filhos, consideramo-nos ou somos considerados monstruosos, imorais, adquirindo aqui o ódio pelos filhos um carácter não natural, "contra-natura".

Fui, então, tentar perceber as raízes da agressividade, compreender porque é que somos agressivos e se, porventura, a agressividade materna será "contra-natura"?

Decidi recorrer a Donald Winnicott, importante teórico da relação mãe-bebé, para perceber que muito cedo, mesmo antes da integração da personalidade, já lá está a agressividade, sendo que nas suas origens a agressividade é quase sinónimo de actividade. Não se pode dizer que quando o bebé dá pontapés dentro do útero esteja a abrir caminho para fora a pontapés. Ou o bebé que mastiga os mamilos com as suas gengivas, tenha o propósito de destruir ou magoar. Mas pode-se dizer que estas funções parciais vão-se organizando na criança, à medida que ela se torna uma pessoa, transformando-se em agressividade. (Winnicott, 1950-55)

Winnicott questiona se a agressividade se origina da raiva provocada por uma frustração ou se terá ela uma raiz própria?

É possível dizer que no impulso do amor primitivo encontraremos sempre uma reacção agressiva, pois na prática não existe a satisfação total do ID. Então, e embora a criança nessa fase não tenha a intenção de destruir, há no impulso do amor primitivo um aspecto

destrutivo. Aspecto esse que está vinculado à excitação e ao amor primário e não à frustração. (Winnicott, 1950-55).

Nesta etapa inicial, observamos como o activo e destrutivo do bebé, é fundamentalmente, um sinónimo de estar vivo e não se relaciona com o ódio perante a frustração que o confronto com a realidade provoca. Isso acontecerá mais tarde.

À medida que o bebé se vai tornando pessoa e descobrindo, através dos seus movimentos e pancadas infantis, o mundo não eu, com o qual se relaciona, é que vai nascendo a agressividade, que em Winnicott é indissociada da intencionalidade. No início a tendência para bater contra as coisas faz parte de uma energia vital e, com o desenvolvimento, essas mesmas actividades (gritar, morder, cuspir), vão sendo utilizadas ao serviço do ódio., ódio que se relacionará posteriormente com as frustração.

Desejavelmente, a mãe deve ser capaz de tolerar o sentimento de ódio em relação ao seu bebé sem nada fazer a esse respeito e sem se vingar, não o expressando. Mas ao mesmo tempo deve senti-lo em toda a sua plenitude, sob pena de não oferecer o ódio que o bebé necessita para odiar. O bebé precisa do ódio da mãe para poder odiar. Se a mãe oferecer um ambiente carregado de sentimentalismo, ou seja de negação do seu ódio, a criança não poderá tolerar toda a extensão do seu próprio ódio. (Winnicott, 1947).

A criança também precisa do ódio da mãe para aumentar a consciência de que é um ser separado e diferente da mãe. Ela ganha consciência da sua mente e desejos, a partir do momento em que a mãe se desencontra das suas necessidades. A este respeito conhecemos bem a teorização Winnicottiana que refere uma desadaptação gradual, a fim de que ocorra algo muito próximo ao que Kohut veio a nomear de frustração óptima.

Winnicott (1950-55), diz-nos também que a mãe odeia o bebé antes que este a odeie. Porquê? Porque há um estágio, anterior à integração da personalidade, que Winnicott denominou de estágio de amor impiedoso ou incompadecido, no qual o que a criança faz e que pode ser violento não é feito a partir do ódio. O termo ódio, só passa a fazer sentido a partir do momento em que o bebé se sente como uma pessoa inteira.

Desta maneira, o ódio torna-se um sinal de civilização, um sinal de uma consciência do mundo não eu, tendo portanto, um valor positivo de conquista, em clara oposição a Melanie Klein.

Assim, reconhecemos a agressividade como uma dotação normal da espécie humana, sendo que a sua presença no interior de todos os indivíduos, sem excepção das mães, tem o valor de uma conquista do desenvolvimento, não correspondendo a nenhuma disfunção

ou perturbação. O ódio, nasce do trágico e maravilhoso facto de nos constituirmos pessoas, estando, portanto em sintonia com a natureza humana e não contra a natureza humana.

E o amor? Como é que o amor se relaciona com o ódio? E a ambivalência, quando e como acontece?

Voltemos ao início da vida. O amor também está lá desde sempre, no início um amor primitivo que corresponde à necessidade de se relacionar com outras pessoas.

Um amor impiedoso ou incompadecido, isto é, um amor, que como vimos, contém elementos destrutivos, e no qual o bebé ainda não considera importante o facto de que o que ele destrói quando excitado é a mesma coisa que valoriza nos calmos intervalos entre as excitações.

Quando este amor incompadecido conta com uma resposta sensível e compadecida por parte da mãe, o bebé vai tendo a ilusão de que cria o mundo e de que a mãe, uma espécie de presença sentida mas invisível, é também uma criação sua.

Somente a partir desta experiência de ilusão, é que a desilusão (e conseqüente separação eu/não eu, que inclui o desmame) poderá ser processada, sendo a condição para o surgimento da ambivalência.(Winnicott, 1965).

Winnicott (1951) afirma que a capacidade de ambivalência que a criança alcança, aponta para o sucesso da função de desilusão da mãe. Mas, não esqueçamos, não há desilusão sem ilusão bem constituída. Esta experiência de desilusão conduz à experiência da raiva e, nos casos favoráveis, à fusão dos componentes agressivos e eróticos, um pré-requisito essencial para o alcance da ambivalência. Se tudo vai bem, o bebé pode realmente ganhar com a experiência de frustração, pois ela permite que os objectos se tornem reais, tanto odiados quanto amados.

Quando o bebé é capaz de combinar a experiência erótica com a agressiva e relativa a um único objecto, torna-se capaz de experimentar ambivalência na fantasia. Está a começar a estabelecer um Self, uma unidade que está psicologicamente integrada. A mãe, torna-se agora, uma imagem coerente e o termo "objecto total" faz sentido (Winnicott,1963).

O Ego do bebé começa a tornar-se independente do Ego auxiliar da mãe, podendo-se dizer que há um interior no bebé, e portanto, também um exterior. Esta conquista e riqueza pessoal, desenvolve-se a partir da experiência do ódio e amor simultâneos que implicam conquista da ambivalência. A partir deste momento, o bebé começa a sentir ansiedade em relação às fantasias agressivas e destrutivas que dirige à sua mãe, pois se a destruir, perde-a. Quando a mãe sobrevive sem retaliar, o bebé vai tendo uma confiança crescente de que terá oportunidade para fazer reparações e ao tolerar a sua ansiedade, esta torna-se

alterada na sua qualidade transformando-se em sentimento de culpa. Aqui percebemos a relação entre o sentimento de culpa e a ambivalência. Ou seja, o sentimento de culpa é uma ansiedade com uma qualidade especial, uma ansiedade sentida por causa do conflito entre o amor e ódio. O sentimento de culpa implica a tolerância da ambivalência. (Winnicott,1963) Daqui, da sobrevivência do objecto ao ataque fantasioso resulta não só a reparação, mas o amor. Destruí-te. Amo-te. Tens valor para mim porque sobreviveste à destruição (Winnicott,1971).

É o ataque fantasioso e a sobrevivência do objecto que permite que o objecto seja reconhecido enquanto separado. A destruição é o outro lado do reconhecimento. O ódio é o outro lado do amor. Estamos perante um paradoxo, pois é o facto de o objecto ter-se tornado real e ambivalente que faz com que o bebé o destrua e o resultado dessa destruição é o reconhecimento do objecto. O que acontece, é que estes processos de ilusão, desilusão, destruição, sobrevivência e reconhecimento estão constantemente a dar-se e a contribuir para a consolidação dos fenómenos em causa.

Só para frizar que estamos muito antes do período definido por Freud como aquele em que se conquista a ambivalência, período Edípico. Esta é uma ambivalência vivida na relação dual e não triangular.

Mas, a culpa só é sentida, se a mãe não tem a capacidade de receber o gesto reparador do bebé. Caso contrário, a culpa não é sentida, permanece em potencial e a confiança neste ciclo benigno vai-se consolidando (dano fantasiado, oportunidade de reparação) e a culpa sofre nova modificação transformando-se em preocupação. Agora o bebé está capaz de ficar preocupado e de assumir responsabilidades pelos seus impulsos e fantasias associadas. (Winnicott,1963).

O amor incompadecido cederá, então, lugar ao amor com concernimento, com capacidade de se preocupar e com assumpção de responsabilidade.

O fracasso da mãe sobrevivente leva a uma perda, no bebé, da capacidade de se preocupar e à sua substituição por ansiedades e defesas tais como a clivagem e a desintegração ou na melhor das hipóteses a formas primitivas de culpa e ansiedade (1963).

O fracasso da mãe sobrevivente leva, também, a que a intenção fantasiosa destrutiva fique, no interior do bebé, marcada como tal. Isto transformaria a ideia de uma destruição potencial inconsciente num sentimento de capacidade destrutiva real, marcada pelas consequências no objecto. (Blanco e Liberman, 2011).

Se pensarmos que este bebé um dia será mãe e, se fôr uma mãe que tenha poucas oportunidades para transformar estes núcleos, será certamente uma mãe com dificuldades

em lidar com o seu ódio e, portanto, de sustentar amadurecidamente a ambivalência. Lembro-me de uma paciente que me dizia há dias a propósito das dificuldades de relação com a sua filha de seis anos: “ela não sabe o que é que eu lhe posso fazer, não sabe do que eu sou capaz, só isso pode explicar continuar a provocar-me”. Sentimento de capacidade destrutiva real.

A ambivalência pode ser mais ou menos consistentemente adquirida. Podemos, por exemplo, mais frequentemente, perceber de uma forma integrada os fenómenos e as relações e perder, aqui e ali esta percepção integrada resvalando para soluções mais clivadas. Não há mãe que não conheça a sensação de que o filho em determinado momento adquiriu, aos seus olhos, uma característica muito marcada e insuportável, cuja percepção parece conduzi-la à loucura. E naquele momento, que se espera passageiro, o que está a ver assemelha-se à realidade toda.

Tendencialmente, quanto maiores as dificuldades em integrar o amplo espectro de sentimentos que a capacidade de ambivalência pode abranger, mais soluções do tipo projectivo encontraremos. Quando assim é, o discurso materno revela que a criança é vista como uma personificação do ódio ou de partes indesejadas da mãe. São mães que tendem a culpabilizar os seus filhos.

Ou quando as próprias mães não puderam conhecer o ciclo benigno e a oportunidade de reparação, seja na infância ou na vida adulta através de uma psicoterapia, viverão as questões da ambivalência de forma muito culpabilizada, punindo-se pelas suas falhas e esforçando-se constantemente e arduamente para serem melhores mães.

Nestas situações acima descritas, estamos fora do ciclo benigno, estamos perante o ciclo destrutivo que conduz à falta de esperança, à culpa, ao ódio agido, à agressividade inflectida e a comportamentos punitivos. Roszika Parker (1995), psicanalista Inglesa que observa este fenómeno desde uma perspectiva Kleiniana, entende a ambivalência como resultado das diferentes necessidades das mães e dos filhos e ressalta o potencial construtivo da mesma. Entende que o sofrimento que a ambivalência causa pode promover o pensamento. Olha para a ambivalência como um processo potencialmente criativo no qual a mãe tem de activamente pensar as diferenças entre ela e o seu filho e encontrar soluções que conduzam a uma atitude materna mais sintonizada. A autora sente que a ansiedade e culpa que a ambivalência causam no psiquismo das mães e na sociedade em geral, nos impedem de ver o seu aspecto criativo.

Depois de compreendermos melhor o fenómeno da ambivalência, concluímos acerca da ambivalência materna o seguinte:

1. A forma como a mãe lida com a sua ambivalência é uma medida da sua capacidade de reconhecer o seu filho como um outro.
2. É, também, uma medida da sua capacidade de assumir a responsabilidade por todos os sentimentos e ideias que surgem no seu interior.
3. A forma como a mãe lida com a ambivalência é, igualmente, uma medida da sua capacidade para transformar parte da sua agressividade em funções sociais, como a reparação
4. A mãe suficientemente boa é ambivalente.

Paradoxalmente, à medida que as condições para a maternidade têm ficado mais difíceis, espera-se mais das mães e as mães esperam mais delas próprias. Há muita pressão em torno da maternidade contemporânea, expressão disso são por exemplo os modelos perfeccionistas nos cuidados com as crianças em todas as áreas- alimentação, sono, brincadeira, desenvolvimento intelectual e emocional. Por exemplo, a amamentação tornou-se numa obrigação moral mais do que uma preferência, os brinquedos têm de ser cuidadosamente escolhidos pelos seu valor educativo e não pela sua apelatividade, etc. Acresce a este cenário, a conflitualidade que ainda recai muitíssimo sobre a mãe entre o trabalho e a casa. A este respeito contava-me uma paciente angustiada, "saio da empresa às 19h00 e sou olhada de lado porque é muito cedo, chego à escola às 19h30 e também sou olhada de lado porque é muito tarde".

Este caminho ligado a uma solução de perfeição e de super-exigência, parece ter a função de negar a existência da ambivalência e neste sentido, parece-nos ser um caminho que aumentará o fosso entre os sentimentos de amor e ódio, dificultando a experiência de ambivalência e causando enorme sofrimento ligado à culpa, o que irá alimentar novamente este ciclo: ambivalência-culpa-mais ambivalência e mais culpa.

Este contexto cultural concorre fortemente para o aumento da ambivalência materna.

Quando comecei a pensar nesta questão cultural de negação da ambivalência, lembrei-me que o psicanalista Stephen Mitchell (1993) identificou uma certa a-conflitualidade na teoria relacional. Embora a sua natureza seja conflitual, a teoria foi caminhando, nomeadamente com as teorias do desenvolvimento suspenso, para o seguinte: se o meio proporciona oportunidades para nos relacionarmos não surgem conflitos, se não, o resultado não é o conflito, mas sim a privação e frustração de necessidades. Guntrip (1969), chegou mesmo a afirmar que é possível viver uma experiência livre de conflitos (cit. Por Mitchell, 1993).

Ao diminuir a importância do conflito, o modelo do desenvolvimento produz uma visão simplista e passa por cima da ambivalência essencial da situação analítica e da vida em geral.

Ora, as relações íntimas não são estáticas e implicam uma tensão e conflito entre a vinculação e a constituição e defesa do Self. (Mitchell, 1993).

Ou seja, desde cedo na vida, vivemos nesta encruzilhada permanente: como é que eu posso passar ou continuar a ser eu, contigo?

E como é que esta tensão entre vinculação e defesa do Self se relaciona com as vivências de amor e ódio?

Assim:

“Sempre que não me reconheces, eu odeio-te. Sempre que me reconheces, eu amo-te.”

“Tendencialmente, quando eu te odeio e tu sobrevives, eu amo-te.”

“Sempre que não te reconheces, odeio-te, pois assim sendo também não me poderás reconhecer.”

“Sempre que eu não te reconheço e em lugar disso, apresenta-se-me um objecto interno subjectivamente construído por mim que me traz vivências desagradáveis, eu odeio-te.”

Mas a questão é ainda mais complexa, pois as mesmas circunstâncias que provocam sentimentos de amor, provocam em outras áreas psíquicas o ódio. Por exemplo, como referiu Winnicott, a mãe fica excitada com o seu bebé, mas em outra área psíquica essa excitação prazerosa provocará ódio, uma vez que a mãe não poderá ter sexo com o seu bebé. Ou o próprio sentimento de amor provoca o sentimento oposto, porque amar deixa-nos dependentes. À semelhança de Winnicott duvidamos seriamente que em alguma circunstância a mãe ou qualquer outro indivíduo, possa sentir apenas amor, pelo que nos parece que vivemos numa constante tensão amor ódio.

A ambivalência permite-nos amar sem negar o ódio e odiar sem negar o amor, mas mais do que isso, permite-nos amar e odiar simultaneamente. O que desejavelmente acontece com as mães, é que o seu amor maduro é recrutado, um amor com capacidade de reconhecimento do outro, com capacidade de preocupação e cuidado, com capacidade de assumpção da responsabilidade, um amor que conhece o ódio e que é capaz de lidar e equilibrar estas tensões.

A par da tensão amor-ódio, vivemos, como formula Jessica Benjamin (1995), importante psicanalista intersubjectivista, numa constante tensão entre o reconhecimento do outro e a defesa do Self, e a este respeito, embora talvez seja difícil aceitar que a mãe também

necessita ser reconhecida pelo seu bebé, é importante tomar este aspecto em conta, sob pena de deixarmos de considerar uma importante fonte de ambivalência materna.

A noção de terceiro, como Jessica Benjamin (2012) a descreve, parece-me útil para explicar como é que os sentimentos de ódio da mãe não se tornam prevalentes, mantendo esta um equilíbrio ódio-amor. A ideia do terceiro é a de que podemos manter uma representação do mundo válida frente a fracassos e decepções que o contradizem. Recorremos ao terceiro quando se produz uma ruptura nas nossas expectativas ou provisão de necessidades. Assim, sempre que a relação da mãe com o seu bebé é frustrante para esta, torna-se premente que no interior da mãe ela recrute a sua habilidade para reconhecer os sentimentos do seu filho e os seus próprios a fim de que não sinta que só a sua experiência importa. Quando a mãe desenvolveu uma capacidade de amar madura, com integração do ódio e amor e com capacidade de reconhecer o outro, distinguindo-o claramente do seu Self e atribuindo igual valor, enquanto centro de experiência subjectiva, a si como ao outro, tem maior possibilidade de constituir o terceiro. Tem maior possibilidade de compreender que quando sente o seu Self em causa, seja porque o bebé é muito exigente, porque lhe retira tempo para olhar para si, para namorar, para cuidar dos outros filhos e quando odeia momentaneamente o seu filho por isso, que ele não faz isso porque é mau, porque quer estragar ou porque é um miúdo insuportável (ecos de relações de objecto anteriores), mas porque é hiper-dependente (reconhecimento do outro). O reconhecimento é a acção prática que constrói o terceiro.

Espero ter conseguido demonstrar, naturalmente de forma limitada, a relação entre amor, ódio, ambivalência, reconhecimento, destruição, culpa, preocupação.

Tentando, de forma mais objectiva responder à pergunta que coloquei no início da minha comunicação, apontarei três factores que me parecem concorrer fortemente para as dificuldades em lidarmos com a ambivalência e em especial a materna, observando-a num locus mais individual ou social.

1. O desenvolvimento que precede a conquista da ambivalência é complexo e sensível e pode conduzir à experiência da ambivalência e ao seu retrocesso ou, por outro lado, à conquista da ambivalência (com formas mais ou menos consistentes). Após a conquista da ambivalência e dependendo da evolução e maturação do Self, a ambivalência pode atingir formas mais maduras ou manter formas mais infantis. Esta é uma das razões pelas quais pode ser difícil lidar com a ambivalência, é que ela pode estar inconsistentemente conquistada ou não ter sofrido transformações, ao longo da vida do sujeito, no sentido da sua maturação.

2. Uma outra razão que nos parece contribuir para a dificuldade em lidar com a ambivalência é que talvez resida em nós um medo primitivo de que ódio destrua o amor, medo revelado pela teoria Kleiniana, donde, ter constantemente contacto, através da solução ambivalente, com o lado odioso da vida (respeitante ao próprio e ao mundo), torna-se difícil e sobretudo, perigoso.

3. Por último, e esta é a razão que se prende com a ambivalência materna, gostaria de dizer que o facto de precisarmos muitíssimo das mães, por nascermos absolutamente dependentes de um outro que zele pela nossa sobrevivência e de um outro único e especial que nos ajude a criar e manter a vida psíquica, faz com que esperemos muito das mães e que sejamos extremamente exigentes com elas. Nancy Chodorow e Susan Contratto (1982), asseguram que se mantém um núcleo, no interior das pessoas adultas, onde o desejo infantil de uma mãe perfeita se mantém vivo, fazendo com que os adultos esperem das suas mães que elas continuem a estar disponíveis e atentas às suas necessidades. E talvez com que os adultos esperem de todas as mães que elas sejam o mais próximo da perfeição possível.

O contexto social de negação da ambivalência materna através de uma visão idealizada da maternidade, parece advir das dificuldades intrapsíquicas em lidarmos com a ambivalência, mas uma vez expressa no corpo social, esta dificuldade ganha vida e força próprias, concorrendo para o agravamento das dificuldades intrapsíquicas.

## REFERENCIAS

- Benjamin, J. (1995). Recognition and destruction: An outline of intersubjectivity. In *Like Subjects, Love Objects: Essays on Recognition and Sexual Difference*. New Haven: Yale University Press.
- Benjamin, J. (2012). El Tercero. Reconocimiento. *Clinica e Investigacion Relacional*, 6(2):169-179. (ISSN 1988-2939)(Recuperado de [www.ceir.org.es](http://www.ceir.org.es)).
- Blanco, A., Liberman, A. (2011). *Una introduccion a la obra de D. W. Winnicott. Contribuciones al pensamiento relacional*. Madrid: Ágora Relacional.
- Chodorow, Nancy J., and Susan Contratto (1982). The fantasy of the perfect mother. In *Feminism and Psychoanalytic Theory*, 79-96. New Haven, CT: Yale University Press.
- Mitchell, S. (1993). *Conceptos Relacionales en el Psicoanálisis: Una Integración*. (M. Córdoba Trad.) Obra originalmente publicada em 1988. México: Siglo Veintiuno Editores
- Parker, Roszika (1995). *Mother Love/Mother Hate: The Power of Maternal Ambivalence*. New York: Basic Books.
- Winnicott, D. (1947). O Ódio na Contratransferência. In *Da Pediatria à Psicanálise* (pp.277-287) (D. Bogomoletz Trad.) Rio de Janeiro: Imago Editora. Davy.

\_\_\_\_\_ (1950-1955). A agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional . In *Da Pediatria à Psicanálise* (pp.288-304) (D. Bogomoletz Trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora

\_\_\_\_\_ (1963). O Desenvolvimento da Capacidade de se Preocupar. (70-78). In *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed

\_\_\_\_\_ (1965). O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família . In *Explorações psicanalíticas* (pp.102- 115). Porto Alegre: Artes Médicas-

\_\_\_\_\_ (1975). O Uso de um Objecto e Relacionamento através de Identificações. In *O Brincar e a Realidade* (pp121-132) (J. Abreu, V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora.

En este mismo número se publica la versión castellana de este trabajo.

Original recibido con fecha: 26/9/2018

Revisado: 15/03/2019

Aceptado: 30/03/2019